



RICARDO MARTINS, DA CEGOC

«ESTAMOS NOVAMENTE A VIVER UMA ERA DE DISRUPÇÃO GLOBAL.»

Com novas instalações em Lisboa, a Cegoc aponta ao futuro integrada num grupo que, a comemorar 100 anos de vida, continua a reinventar-se e a impactar a vida das pessoas e das empresas.

Texto: Redação «human» Foto: DR



RICARDO MARTINS

Diretor geral da Cegoc, empresa que integra o Grupo Cegos e onde entrou em 2003, Ricardo Martins é formado em economia pela Universidade do Porto. Estudou ainda na Aarhus University, na Dinamarca, e no INSEAD, em França. Com mais de duas décadas de experiência em consultoria e formação, trabalhou com inúmeras empresas um pouco por todo o mundo, muitas delas multinacionais, em países como Portugal, Alemanha, Suíça, Turquia, Reino Unido, Angola, Moçambique, Brasil, Panamá, Estados Unidos, Índia, Austrália, Argentina, México e Chile.

www.cegoc.pt

Que desafios vos traz o mercado atualmente?

O maior desafio deixou de ser apenas tecnológico. A tecnologia evolui rapidamente, mas o verdadeiro desafio é já dotar as pessoas das competências críticas para acompanhar essa velocidade. Muitas organizações percebem que a competitividade depende cada vez mais da capacidade de rapidamente e de forma sistemática desenvolver talento capaz de tirar partido da tecnologia que compram. Vivemos também um contexto de enorme incerteza económica, incerteza geopolítica e degradação demográfica. Isso obriga as empresas a adaptarem-se continuamente, e essa adaptação só é possível pela mudança e pela aprendizagem contínua. É precisamente aí que acreditamos poder dar o nosso maior contributo e acrescentar mais valor.

E que desafios se vos colocam em termos de atração de talento para as empresas do grupo?

Acreditamos que o talento procura organizações onde exista um alinhamento de valores e onde possa desenvolver-se continuamente para crescer.

Naturalmente, procuramos profissionais tecnicamente competentes, mas valorizamos sobretudo curiosidade, capacidade de adaptação, espírito colaborativo e vontade permanente de evoluir.

Temos ainda uma vantagem importante. Fazemos parte de um grupo internacional presente em mais de 50 países, o que nos permite trabalhar em projetos globais, colaborar com equipas internacionais e contactar diariamente com diferentes mercados e realidades. Atualmente, isso representa um fator diferenciador para muitos profissionais.

Para quem lidera uma estrutura como a da Cegoc, o que é mais exigente nesta altura?

Diria que é conseguir equilibrar duas responsabilidades. Por um lado, garantir resultados num contexto muito exigente e em permanente mudança. Por outro, criar as condições para que as pessoas consigam aprender continuamente e mantenham a motivação para querer dar um contributo que nos permita a todos ir mais além, num ambiente onde tudo muda rapidamente.

O exercício da liderança tornou-se muito mais exigente porque já não basta gerir operações. É preciso criar con-

texto, desenvolver pessoas, ajudar as equipas a lidar com a frustração da mudança contínua e preparar diariamente o futuro.

Uma marca histórica como a Cegoc, associada a outra também histórica como a Neves de Almeida, e integrada num grupo centenário, tem alguma abordagem especial às novas tecnologias e sobretudo à IA?

Temos uma enorme ambição de ajudar os nossos parceiros a olhar para a IA, não apenas como uma nova tendência tecnológica, mas, antes, como ajudar as empresas do nosso mercado a integrá-la no seu 'workflow', e utilizá-la de forma responsável e com impacto real no seu negócio.

Ao nível do Grupo Cegos, a IA já está presente no nosso trabalho, nos nossos processos, nos nossos conteúdos e nas nossas soluções de aprendizagem. Mas acreditamos que a tecnologia só cria verdadeiro valor quando complementa aquilo que continua a ser exclusivamente humano: pensamento crítico, criatividade, capacidade de decisão, ética e liderança. Não vemos a IA como substituição das pessoas. Vemo-la como um acelerador das capacidades humanas.

Fará sentido dizer que o maior impacto, em termos de áreas, é na formação?

A formação certamente será uma das áreas em que a mudança será mais visível, mas não diria que será a única nem necessariamente a mais impactada. A IA está a transformar praticamente toda a gestão das pessoas, seja o recrutamento, o 'assessment', a gestão de competências, a liderança, o desenho das funções e a própria organização do trabalho. Na aprendizagem, esta evolução traduz-se em percursos cada vez mais personalizados, conteúdos adaptados às necessidades de cada profissional, apoio em tempo real e uma maior capacidade para medir o impacto do desenvolvimento de competências. Mas a tecnologia, por si só, não resolve tudo. Continuará a existir uma dimensão profundamente humana da aprendizagem, ligada à criatividade, ao pensamento crítico, à colaboração, à ética e, como disse, também à liderança.

Por isso, vejo a aprendizagem como uma peça central desta transformação, não porque esteja isolada, mas porque é ela que permite às pessoas e às organizações desenvolverem as competências necessárias para acompanhar todas as outras mudanças.

O que é que o motiva mais nesta altura na liderança deste projeto?

Aquilo que sempre me motivou, trabalhar com pessoas e ajudar organizações a ter sucesso para evoluir. Vivemos uma época de enorme transformação. Isso traz desafios, mas também oportunidades extraordinárias para quem acredita na aprendizagem como motor de desenvolvimento.

É muito estimulante liderar uma organização integrada num grupo que, 100 anos depois da sua fundação, continua a reinventar-se e a ter um impacto tão relevante na vida das pessoas e das empresas. ☺

Com um novo espaço em Lisboa, como olha a Cegoc para o futuro, atendendo inclusive ao facto de ser a marca mais antiga ligada à gestão das pessoas em Portugal e estar ligada a um grupo internacional que comemora um século de existência?

Para nós, é um momento muito simbólico. Em Portugal, a Cegoc está presente há mais de seis décadas, integrada num grupo que celebra 100 anos de história.

Ao longo destes 100 anos, o Grupo Cegos acompanhou todas as grandes transformações do mundo do trabalho, e o que considero verdadeiramente relevante não é tanto a longevidade em si, mas antes a capacidade que continua a demonstrar de se reinventar continuamente e evoluir, sempre um passo à frente do seu tempo.

Estamos novamente a viver uma era de disrupção global, que nos obriga a lidar com uma mudança estrutural, impulsionada pela IA [inteligência artificial] e pela aceleração tecnológica, que nos remete para a urgência da atualização das nossas competências. Neste contexto de profunda transformação, a nossa responsabilidade, como há 100 anos, continua a ser exatamente a mesma, a de ajudar pessoas e orga-

nizações a prepararem-se para o que vem a seguir.

O novo espaço representa essa ambição. Pensado para celebrar mais o futuro do que o passado, visa criar as condições de colaboração e trabalho que nos permitam construir os próximos anos com a mesma capacidade de adaptação e inovação que sempre caracterizou o grupo.

Que apostas fizeram para este novo espaço?

Quisemos criar um espaço coerente com os valores que defendemos junto dos nossos clientes. Hoje sabemos que a inovação nasce tanto da proximidade e da partilha de ideias como da colaboração e do compromisso com a aprendizagem e a melhoria contínua. Por isso, privilegiámos espaços abertos com áreas colaborativas integradas, salas de formação capazes de proporcionar experiências de aprendizagem tecnológicas e pedagogicamente mais avançadas, zonas de trabalho flexíveis com uma forte ligação aos espaços exteriores, aproveitando a luz natural e criando ambientes que promovem maior bem-estar em contexto de trabalho.

Mais do que um local de trabalho, é um espaço pensado para potenciar conhecimento, criatividade e relacionamento entre equipas, clientes e parceiros.

«Fazemos parte de um grupo internacional presente em mais de 50 países, o que nos permite trabalhar em projetos globais, colaborar com equipas internacionais e contactar diariamente com diferentes mercados e realidades.»